

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Gama, Pedro Miguel Brites Ferreira, 1965-

O tempo que resta

<http://hdl.handle.net/11067/7443>

<https://doi.org/10.34628/GQ1F-VC14>

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-12-26T08:43:54Z com informação proveniente do Repositório

O TEMPO QUE RESTA
THE TIME THAT REMAINS

Pedro Gama

FAA-UL

DOI: <https://doi.org/10.34628/GQ1F-VC14>



"My home has thirty-eight rooms on thirty-six worlds. No doors: the arched entrances are farcaster portals, a few opaqued with privacy curtains, most open to observation and entry."¹ ... tantas são as vezes que nos deparamos com essa estrutura física - o portal - enquanto elemento de passagem para outras dimensões, que nos esquecemos que continua a ser a imaginação - essa coisa imaterial - o mais amplo dos portais.

"My home has thirty-eight rooms on thirty-six worlds. No doors: the arched entrances are farcaster portals, a few opaqued with privacy curtains, most open to observation and entry." ... so many times we come across this physical structure - the portal - as an element of passage to other dimensions, that we forget that it is still the imagination - this immaterial thing - the widest of portals.

O tempo que resta

Sei que sou..., mas onde?

Ainda agora me debatia entre seguir o projecto ou optar por uma laje aligeirada.

– *"Sem mais valias para o cliente", diz o empreiteiro, "a redução de tempo de actividade compensa o excesso de betão armado das sapatas corridas e o excedente de terra levo para outra obra com falta dela".* Estou inclinado a aceitar, bem vistas as coisas, o cliente ganha em tempo e conforto.

... mas onde raio estou? Não me sinto... não sinto nada! Mas ao mesmo tempo sinto e ouço e vejo, se é que isto é sentir, ouvir ou ver. Devia sentir medo, mesmo pânico, mas nada. Não vejo o meu corpo, não o sinto, não o tenho! No entanto, sinto. Mas não os disparos químicos que o corpo sente, é outra coisa. Serei consciente sem ser senciante?

Mas eu estava em obra!?

Aquele muro de contenção foi um trabalho caro para o cliente. Como é possível terem previsto para ali um muro em alvenaria? Alguém

¹ Simons, Dan, *Hyperion*, 1989, Doubleday, pp. 196.

veio ao terreno antes de se desenhar uma linha? Ninguém reparou na diferença de cotas entre o lote do vizinho e o nosso. Ninguém previu que o movimento de terras faria ruir o muro do vizinho - que vai ganhar um Novo ao invés das placas de *Aquapanel* e "pilaretes", que ele montou e a que cheio de orgulho chama de "*meu muro*".

Sinto sem me sentir; tenho consciência do que me rodeia - dos elementos à minha volta e da vastidão em redor... espaço imane, talvez sem fim. Faz-me lembrar os espaços brancos infinitos de *THX 1138*, mas sem limites físicos. À volta espaço aberto, em cima e em baixo, muito longe, névoa branca. Levito!

Estou rodeado de pirilampos que não piscam; são centelhas! Serei uma? - amarelas e brancas, num fundo imenso de azul celeste... e amarelo e branco, que se misturam. Mas agora que reparo nisso, percebo que as centelhas brancas descem e as amarelas sobem, para nos misturarmos mais acima de mim - a mediana do espaço infinito? Devo ser amarelo.

Mas se estava em reunião de obra como vim aqui parar?

Ainda tínhamos por resolver a questão das caleiras encastradas no capoto das coberturas inclinadas: se não podem chegar aos limites, deixam ali margem para a água escorrer pelas paredes, que depois ficam cagadas e é o aí Jesus da arquitectura moderna que não pensa nos detalhes. Temos que reformular esta solução: uma régua que encaminhe estas águas para a caleira é uma solução mais discreta que estar a abrir o rasgo até aos limites da cobertura. Para isso a caleira vai ter que ter régua sobre o capoto - e o isolamento a passar-lhe por cima? - ou esticamos as caleiras o mais possível minimizando a água que escorre nos lados? ... Quinamos o lado saliente da aba para funcionar como pingadeira? o isolamento do capoto enrola por cima desta? Difícil... só vendo em obra.

Os arquitetos não definem estas merdas - "*depois resolve-se em obra!*" - e para não ficar nas mãos do construtor, o fiscal, que por acaso é arquitecto, que decida... o que eu gosto de telha, sem caleiras, a debitar água direto no piso.

Mas o que estou para aqui a pensar? Terei morrido? Tudo indica que sim. Serei alma?

Não há brisa e desloco-me; as centelhas deslocam-se. Não percebo em que sentido ou se em algum sentido. Aparentemente, como o pó, movemo-nos aleatoriamente uns em relação aos outros - porquê o género aqui? - não me parece que seja ainda um homem ou que as outras centelhas sejam sexuadas; como eu, devem ter "gente" dentro - elas e eles - que já não se distinguem.

Mas porquê brancas e amarelas? Será que as amarelas são XY e as brancas XX? Aqui está uma boa dedução. O que implica que as XY vêm de baixo e as XX vêm de cima... será que a alma é sexuada? E aqui está uma má dedução; conceptualmente não me parece que a alma contenha informação cromossomática - o Popper tem sempre razão: uma hipótese sobrevive até ser aniquilada por outra mais válida.

Então se as cores não resultam de um conteúdo cromossomático, resultam de quê?...

A chegar à "mediana" (o Homem é um catalogador nato que não sobrevive sem a compartimentação de nomes/significados): Há ali uma imensidão de gente... de almas. De centelhas! Não só vejo como sinto a sua presença quando passam à minha volta, como que um bafejo de estática - não um mau bafejo como o do *cão da morte*, mas como sussurros soprados. Sinto mais gente à minha volta.

Hoje tenho que ir ao Joinal?

Já me esquecia que a Joana me pediu para passar no Joinal a trazer verdes, quando saísse da obra: seis peras, um saco de maçãs vermelhas, N¹⁰ clementinas e quatro dióspiros dos moles para comer à colher; e depois curgetes (quantas?), um molho de grelos de nabiça, três quilos de batata vermelha para cozer, umas cinco cebolas médias e mais qualquer coisa que tinha apontado no telemóvel e que agora não me lembro. E ovos caseiros, salsa e coentros, um saquinho de frutos secos. Não me posso esquecer das chalotas... e mais qualquer coisa que agora não me lembro - e que vamos a ver e era importante... já sei, dois quilos de cenouras para um cremezinho.

Mas o que é que isto agora interessa!? Nem sei a que distância estou do Barril, ou se nesta dimensão existe Barril, Obra, Joana, ou seja, o que for. Se estou aqui acredito que não estarei lá e que sintam a minha ausência. Há quanto tempo estarei ausente?

Aqui não há referências. Podem ter passado três segundos, três dias, três meses, anos ou éones... perdi a noção, mas se nesta dimensão o meu raciocínio se processar à velocidade da "dimensão terrena" terá passado não muito tempo - talvez uma hora. Será que a reunião de obra já acabou? Devia estar a sair do Joinal ou já a caminho de casa para almoçar?

Mas se há espaço tem que haver tempo! E como quantificar o tempo num espaço infinito, desprovido de referências que não as centelhas que se movem como grãos de pó num reflexo de luz? Isto não é o cosmos, onde nos podemos sentar em Marte, disparar um feixe laser para Andrómeda e esperar pacientemente 5000 anos-luz para receber o seu reflexo. Aqui não há Marte nem Andrómeda. Há um espaço imenso e pó branco amarelado (nós) que se aglutina numa mediana... e que me parece agora se desloca num mesmo sentido. Isto começa a ficar interessante.

Estamos mais próximos agora. Somos um mar de luz de brancas e amarelas que se desloca suavemente num mesmo sentido e esta proximidade levanta mais questões: as amarelas sussurram, as brancas não!

As brancas são em maior número, vejo-as passar por mim, mas não as sinto, são desprovidas de conteúdo, de consciência? - ao contrário dos espíritos dos filmes de terror de budget reduzido que se sentem, mas não se vêem para não incrementar custos. Serão entidades inconscientes nascidas nesta dimensão? Ocas, vazias, virgens? Se assim é não devem ser almas já que estas contêm "alguém". Um mar de centelhas conscientes e inconscientes?

E se não é a alma, quando morre o corpo é a consciência que persiste? Mas em que formato? Humberto Eco deduzia que as almas podem ser memórias: será que morremos quando esquecemos ou quando somos esquecidos? Talvez por isso sejam tantos os Homens a querer perpetuar a sua memória.

Isto ainda são uns quantos *Petabytes* de informação que sobra e que é necessário armazenar - ainda me lembro do que me lembrava antes! Será que contemos algum tipo de *Drive* virtual em forma de energia, que guarda as memórias da vida? Porque além de me recordar do que vi, recordo-me do que senti - mesmo não o podendo sentir agora. Aquilo a que chamamos alma será então uma *SoulDrive*? E o que "vivo" nesta dimensão é também armazenado porque guardo memória.

Por falar em memória, não cheguei a avisar o Carlos que a rapariga do Millennium ia hoje à obra medir o andamento dos trabalhos.

O planeamento já resvalou em algumas frentes e é provável que o atraso se traduza num percentual do banco, abaixo do esperado pelo cliente; isto a somar aos trabalhos a mais que já surgiram dá cólicas a qualquer optimista. Agora nada a fazer! Culpem a chuva ou o calhau que apareceu entre o lote do vizinho e a piscina.

Quando fizeram o planeamento deviam ter levado em conta que avançar com as fundações em pleno inverno tem os seus riscos, ainda mais em solo argiloso... durante duas semanas, o lote, foi o parque infantil perfeito para as crianças aprenderem a trabalhar o barro ou para luta na lama. Teria sido preferível planearem mais tempo para esta frente, mas os clientes querem sempre tudo para ontem.

Já a rocha foi um imprevisto chato, mas quando um cliente acha um mau investimento uma sondagem ao solo é o que acontece. É verdade que não há histórico de pedra ali à volta e foi azar estar ligada à casa do vizinho. O martelo seria o suficiente não fosse a vibração e termos que reconstruir uma casa a seguir; com o cimento expansivo foi mais suave, demasiado suave - mês-e-meio, 300 furos e €12'500 depois lá se conseguiu retirar "a bicha".

Agora não há desculpa para mais atrasos: tempo seco, algum frio (o que é sempre bom para pôr os homens a mexer) e mais tempo de luz.

Por falar em luz, o que é aquilo???...

É luz! Um feixe de luz branca - um sabre de *Jedi!*? -, que atravessa o horizonte de cima a baixo, sem fim. Uma fina linha irradiante sem origem nem fim. E é para lá que vamos: o sabre é a morada da poeira de brancos e amarelos - serei uma partícula da força?

E a linha de luz roda, devagar. Ou sou eu que rodo, qual astronauta largado no vácuo, estático, sem controlo, atraído pela nave mãe?

Provavelmente tenho estado sempre a rodar, mas como deixei de prestar atenção às névoas que ficam lá longe, em cima e em baixo e como não detecto qualquer rotação nas centelhas que me rodeiam - afinal são centelhas - não percebo quando começou este carrossel.

Parece longe, muito longe. E disperso em seu redor um mar de luz, uma concentração de poeira luminosa - brancos e amarelos? - que se expande para cima e para baixo.

Sinto-me mais vibrante e ao meu redor as outras centelhas parecem ligeiramente mais excitadas. Será a ansiedade de quem vê a meta ao longe? Mas não sinto qualquer ansiedade.

Por muito curioso que seja não anseio, contemplo apenas e não encontro paralelo com os dogmas e mitos que me acompanharam durante a vida: aqui não há anjos, nem virgens; não vejo prados verdejantes, nem labaredas escaldantes; ninguém se senta num trono... não há trono; não há formas nem preceitos; não há espíritos, profetas ou santos. Somos apenas centelhas! Casulos de energia predestinados a levitar rumo à luz.

Tudo isto podia ser um jogo, em modo VR, que se encaminha para o primeiro nível - quantas vidas terei? Se for derrotado volto ao início?

Por falar em jogo, vou falhar com o putito!...

Tinha combinado com a Joana ajudar o putito a comprar a PS5 e amanhã devia ir com ele à FNAC ver as *promos*.

Merece! Deu no duro e juntou uns bons trocos com o trabalho das férias - a restauração só compensa quando se dá couro e cabelo. Claro que preferia que não tivesse gasto metade do ganho em roupa - que daqui a seis meses já estará *démodé*, e acabará novamente no *Vinted*. Mas a impulsividade faz parte da adolescência - diz que agora vai até aos 25 ou mais além! - tipo *Buzz Lightyear*.

Espero que a Joana se lembre do código da conta e que transfira o dinheiro para a sua antes que o banco congele a minha. E as ações e *ETF's*? Ela não tem acesso à plataforma! Espero que se lembre de pedir ajuda ao António. Agora que penso nisso, vai ter uma trabalhadeira a alterar tudo o que me dizia respeito - mas pelo menos fica com a casa paga.

Em tempos conheci um homem das estepes que aquando da morte do filho riu e agradeceu o privilégio de ter tido essa pessoa na sua vida - uma forma interessante de fazer o luto: sorrir uma companhia passada *versus* chorar uma ausência futura.

A Joana sabe que não sou de choradeiras, mas confesso que gostava - coisa impossível - de ter a Sinfonia dos Mil (a oitava) cantada na minha despedida; assim não se percebe se as lágrimas são saudade ou comoção musical. Aqui não há música nem trombetas.

Segundo o Mário "*a um morto nada se recusa*" e se ele queria ir de burro, eu gostava de ter uma festa: que dançam, riam e cantem por três dias.

Há alturas em que as formalidades são uma merda... por falar em formalidade isto está cada vez mais interessante.

Aquilo afinal não é um sabre de luz, mas uma forma radiante - aparentemente física. Parece tubular - um cilindro radiante não ofuscante; à medida que nos aproximamos a luz própria parece perder a força, para se começar a adivinhar uma qualquer substância material, que a esta distância não se adivinha.

Não era suposto estar tão próximo. Há minutos atrás parecia a éones de distância, agora parece estar apenas a alguns quilómetros - A que velocidade me desloco? - e aproxima-se com estrondo, ou melhor, aproximamo-nos com estrondo.

Afinal, talvez não tenham passado mais do que alguns minutos desde que aqui cheguei - o meu corpo ainda deve estar quente.

Consgo perceber agora a textura; parece fora de escala: assemelha-se a uma coluna de mármore de *Calacatta*, com veios suaves, ponteadas por pequenos pontos brilhantes, dispostos ortogonalmente - vãos, portais!? É como se tivéssemos ampliado uma textura com luz própria até ao infinito e mantivéssemos os vãos em escala reduzida. Faz lembrar as texturas mármoreas, retro iluminadas, que agora são moda nos bares de hotel.

À medida que me aproximo confirmo que este objeto tem uma escala abismal - aqueles pontos brilhantes são mesmo portais. É para elas que se dirigem as centelhas. Começo a perder a noção do diâmetro deste cilindro imane. Lá atrás percebia-se a forma de uma coluna, aqui começa a assemelhar-se a uma parede, que só uma análise atenta aos seus limites laterais, ponteadas pelos vãos, faz adivinhar uma curvatura. Abrando... contemplo.

O Classicismo, tem na sua gramática geométrica tão ordenada e rígida a chave para o seu carácter intemporal. Parece-se com o *Palazzo*

della Civiltà Italiana: vãos em arco de volta perfeita, mas bastante afastados entre si, quer lateral como altimetricamente, na razão de cerca de seis vãos de afastamento entre cada vão - será que o Guerrini, Padula e Romano tiveram mão nisto? Isto deve ser intemporal... o Benito deve ter tido uma aprazível reminiscência quando se deparou com esta intemporalidade tão do seu tempo. Mas não vale a pena aplicar aqui conceitos temporais terrenos, já que nada disto faz muito sentido...

Uma escultura de luz infinita e linear não pode ser obra de Deus, que "escreve direito por linhas tortas" - e isto nada tem de torto. Também não é obra do Homem! Mas é também receptáculo do Homem - são demasiadas centelhas para tão pouca Humanidade. Que deuses ou magos ainda desconhecidos?

Por baixo de alguns vãos há qualquer coisa escrita, nos outros não. A disposição de uns em relação aos outros parece aleatória, ou então não a percebo. Percebo que as brancas são escolhidas pelos vãos mudos e as amarelas pelos marcados OBLIVISCERE.

O que irei esquecer?

Esqueci de avisar o francisco para consultar o projecto de electricidade no *CDE2*: à falta de ficheiro *CAD*, o *PDF* pode ser lido e medido na plataforma. Tanto tempo perdido a levantar o modelo, a fazer a deteção de conflitos (que o cliente não valoriza), a organizar a plataforma por especialidades, a gastar tempo no *Navis* e no *Solibri* para depois ouvir do empreiteiro que "*a legislação não nos obriga a usar BIM ou a fazer consultas nos modelos ou na plataforma*". Eu sei que não, mas estes gajos podiam aproveitar a oportunidade para evoluir. Vai rebentar-lhes na cara! Na deles, dos arquitectos, dos engenheiros e afins, que ainda não perceberam bem o que aí vem.

Mas o que irei esquecer? As memórias?

As memórias, tenham elas a forma que tiverem, acordadas ou adormecidas são a substância que nos molda e nos dá forma. Somos o que comemos e o que nos deram a comer e é com tudo isso que moldamos o mundo que vemos e vivemos. É por isto, que qualquer vivência partilhada é sempre única. E também por isso o "*gosto!*" e o "*não gosto!*".

2 Common Data Environment - para coordenação BIM

Cada um é testemunha singular, repositório precioso que percorre um tempo único, onde cada momento é uma gema por delapidar.

Ainda ontem a Alice, do alto dos seus quatro anos me dizia a propósito de uma qualquer urgência: *Bá, não podemos perder o tempo!* e constato agora que “perder tempo” pode ser o oposto de “perder o tempo”, na medida em que “perder tempo” evoca uma inutilidade - o desprezo relativamente a algo que não se quer; já “perder o tempo” pressupõe uma carência relativamente a algo que se está ou se pode perder. Quantas vezes perdi o tempo porque não podia perder tempo?

O portal é também ele imenso. Enquanto o atravesso tenho dificuldade em lhe reconhecer os limites - devo assemelhar-me a um grão de poeira a atravessar uma janela.

Por estranho que possa parecer, o portal, as paredes, é ausente de espessura. O *Calacatta* é afinal um filme, uma película, da qual não advinho a rigidez: seria necessário embater na parede o que me parece ser um conceito de difícil aplicação aqui.

Enquanto entro constato que do outro lado há o que suponho ser um outro cilindro. Estaremos perante a aplicação do conceito Matriosca? Assim parece. Mas uma observação cuidada revela uma rotação desse elemento. Não percebo se rodam ambos os cilindros ou apenas um relativamente ao outro, mas a verdade é que os portais do “segundo nível” se deslocam. E todos eles, marcam nas suas bases TEMPUS SINISTRAM. Mas porquê latim?

A luz aqui é imensa - talvez por isso a coluna seja tão radiante vista de longe - e maioritariamente branca, são poucas as centelhas amarelas aqui. Perto dos novos portais não há sequer amarelas. Para onde terão ido?

Algumas das centelhas amarelas ao invés de se deslocarem para os portais do segundo nível deslocam-se verticalmente entre cilindros, junto às paredes do primeiro cilindro.

Aqui não há atração. Os portais não me puxam. Deslocamo-nos, os amarelos, ao sabor de um intento de consciência podendo, se quisermos, vaguear eternamente entre cilindros. Podia ficar por aqui, este espaço é amplo, mas parece-me ser transitório e já que aqui cheguei gostaria de ver o que está para lá dos portais. Que mais surpresas me estão reservadas?

Avançemos...

Onde estava antes de aqui chegar? na obra claro... ou em casa? Onde é que deixei o carro? Parece-me que a Joana me tinha pedido para levar algo, mas não me lembro o quê.

Tinha qualquer coisa para fazer na obra... o Afonso tinha-me pedido para ir a algum lado com ele... ou foi o JP? E a miúda pequena... a Kuy. Não! Quem? Qual Joana?... a estabilidade... qual modelo?

Sinto que...

Ao centro do cilindro imenso três pêndulos também imensos, suspensos no infinito, definem o Tempo Perpétuo. Dois badalam, um não: o maior, em ouro, tem marcado no seu círculo gigante KRÓNOS e badala num tempo largo e amplo o Tempo do Mundo; o intermédio, em prata, marca KAIRÓS no seu círculo e badala em tempo andante o Tempo das Eras; o terceiro e mais pequeno, tem marcado AION no seu círculo de cristal e não badala. Vibra.

Este cilindro é branco, como são brancas as centelhas que o percorrem numa dança oscilante, em redor dos pêndulos, marcando-lhes o ritmo que define os Tempos.

É uma dança incessante geralmente suave, por vezes frenética, onde à vez, cada centelha, depois de encontrar o seu movimento perfeito se destaca da constelação e avança cruzando o círculo de cristal do pequeno pêndulo.

Ao toque, AION produz um vibrato único que grava o Tempo que Resta naquela que o atravessa e sai, não para o cilindro, mas para outro lugar.

1 ... 2 ... 3 ... 4 ... 5 ... 6 ... 7 ... 8 ...

– Parabéns mãe, é uma menina!

... luz ... lembro-me que já fui crescido ...